
MASETTO, Marcos T. Docência universitária: repensando a aula. In: TEODORO, Antônio. **Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia pela curiosidade da formação universitária**. Ed. Cortez: Mackenzie, 2003.

Docência Universitária - Repensando a Aula

Prof.Dr.Marcos T.Masetto

INTRODUÇÃO

Em geral, nós professores universitários consumimos grande parte do tempo de nossas atividades em sala de aula, e, ao menos, teoricamente estamos sempre a nos interrogar como poderiam ser melhor aproveitadas estas aulas pelos nossos alunos. Ao mesmo tempo que nos perguntamos, vem à nossa lembrança um conjunto de técnicas que poderíamos usar, de que ouvimos falar algum dia, mas que não achamos serem tão importantes quanto o domínio do conteúdo para o exercício da docência. E, em geral, nossas preocupações se voltam mais uma vez para alguma especialização conteudística..

Ao nos preocuparmos com melhorar a docência, não podemos nos esquecer que por detrás do modo de lecionar existe um paradigma que precisa ser explicitado, analisado, discutido afim de que a partir dele possamos pensar em fazer alterações significativas em nossas aulas.

I - Que paradigma é este? Como ele se manifesta?

A grande preocupação no Ensino Superior é com o próprio ensino, no seu sentido mais comum: o professor entra em aula para transmitir aos alunos informações e experiências consolidadas para ele através de seus estudos e atividades profissionais, esperando que o aprendiz as retenha, absorva e reproduza por ocasião dos exames e provas avaliativas.

Esta preocupação se apóia em três pilares:

- na organização curricular que privilegia disciplinas conteudísticas e técnicas, estanques e fechadas, transmitindo conhecimentos próprios de sua área, nem sempre em consonância perfeita com as necessidades e exigências do profissional que se pretende formar naquele curso;
- na constituição de um corpo docente altamente capacitado do ponto de vista profissional, com Mestrado e Doutorado em sua área de conhecimento, mas nem sempre com competência na área pedagógica, pois, o importante para ser professor é dominar com profundidade e atualização os conteúdos que deverão ser transmitidos;

- em uma metodologia, que, em primeiro lugar deve dar conta de um programa a ser cumprido, em determinado tempo, com a turma toda; por isso mesmo, uma metodologia que se esgota em 90% das atividades em aulas expositivas; e a avaliação se realiza como verificação, em determinados momentos, da apreensão ou não dos conteúdos ou práticas esperados.

Neste paradigma, o sujeito do processo é o professor, uma vez que ele ocupa o centro das atividades e das diferentes ações: é ele quem transmite, quem comunica, quem orienta, quem instrui, quem mostra, quem dá a última palavra, quem avalia, quem dá a nota. Sua grande e constante pergunta é: que devo ensinar aos meus alunos? E o aluno como aparece? Como o elemento que segue, receptor, assimilador, repetidor. Ele só reage em resposta a alguma ordem ou pergunta do professor.

Pode parecer que exagero nesta descrição. Mas, se olharmos com objetividade nossas aulas, vamos verificar que, se não tudo, pelo menos grande parte do que aqui descrevo acontece.

Por isso, disse acima, para repensar a aula é fundamental rever o paradigma que sustenta seu esquema atual, e propor outro paradigma. Qual?

O paradigma que propomos é substituir a ênfase no ensino pela ênfase na aprendizagem. Simples troca de palavras? Não.

Quando falamos em aprendizagem estamos nos referindo ao desenvolvimento de uma pessoa, e no nosso caso, de um universitário nos diversos aspectos de sua personalidade:

- desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, de pensar, de raciocinar, de refletir, de buscar informações, de analisar, de criticar, de argumentar, de dar significado pessoal às novas informações adquiridas, de relacioná-las, de pesquisar e de produzir conhecimento;
- desenvolvimento de habilidades humanas e profissionais que se esperam de um profissional atualizado: trabalhar em equipe, buscar novas informações, conhecer fontes e pesquisas, dialogar com profissionais de outras especialidades dentro de sua área e com profissionais de outras áreas que se complementam para realização de projetos ou atividades em conjunto, comunicar-se em pequenos e grandes grupos, apresentar trabalhos. Quanto às habilidades próprias de cada profissão, embora saiba que elas são conhecidas dos professores de cada curso e os currículos, em geral, com elas se preocupem, queria lembrar que é importante também fazer uma investigação para se verificar se, de fato, os currículos permitem que todas as habilidades profissionais possuam espaço para aprendizagem, ou se grande parte delas é preterida em função dos conteúdos teóricos;
- desenvolvimento de atitudes e valores integrantes à vida profissional : a importância da formação continuada, a busca de soluções técnicas que, juntamente com o aspecto tecnológico, contemplem o contexto da

população, do meio ambiente, as necessidades da comunidade que será atingida diretamente pela solução técnica ou suas conseqüências, as condições culturais, políticas e econômicas da sociedade, os princípios éticos na condução de sua atividade profissional e que estão presentes em toda decisão técnica que se toma. Pretendemos formar um profissional não apenas competente, mas comprometido com a sociedade em que vive, buscando meios de colaborar com a melhoria da qualidade de vida de seus membros, formar um profissional competente e cidadão.

A ênfase na aprendizagem como paradigma para o Ensino Superior alterará o papel dos participantes do processo: ao aprendiz cabe o papel central, de sujeito que exerce as ações necessárias para que aconteça sua aprendizagem : buscar as informações, trabalhá-las, produzir um conhecimento, adquirir habilidades, mudar atitudes e adquirir valores. Sem dúvida, que essas ações serão realizadas com os outros participantes do processo : com os professores e com os colegas, pois, a aprendizagem não se faz isoladamente, mas em parceria, em contato com os outros e com o mundo. O professor terá substituído seu papel exclusivo de transmissor de informações para o de mediador pedagógico ou de orientador do processo de aprendizagem de seu aluno. Onde sua pergunta agora será: o que meu aluno precisa aprender de todo o conhecimento que tenho e de toda a experiência que tenho vivido para que ele possa desenvolver sua formação profissional? O ângulo é outro. A variação foi de 180 graus.

A docência universitária voltada para a aprendizagem também se apóia nos mesmos três pilares indicados acima, só que agora com outros conteúdos. Assim:

- a organização curricular se apresenta integrando atividades e disciplinas que colaboram para a formação do profissional, com o conhecimento sendo tratado de forma integrada; uma organização curricular aberta, flexível, atualizada, interdisciplinar, facilitando e incentivando os mais diversos modos de integrar teoria e prática, universidade e situações profissionais, disciplinas básicas e as profissionalizantes;
- o corpo docente é formado por professores que, além de serem excelentes profissionais, também são pesquisadores em suas áreas específicas de conhecimento e desenvolvem uma formação continuada com relação à competência pedagógica. Professores que se entendem primeiramente educadores, que assumem que a aprendizagem se constrói num relacionamento interpessoal dos alunos com outros colegas, dos alunos com os professores, dos alunos com outros profissionais de sua área, dos alunos com os diferentes locais onde deverá exercer sua atividade profissional. Um corpo docente que assume seu papel de mediador pedagógico entre o conhecimento e seus alunos. Por fim, um corpo docente que entende que a aprendizagem se faz com colaboração, participação dos alunos, com respeito mútuo e trabalhos em conjunto;

- a metodologia busca a redefinição dos objetivos da aula e de seu espaço, o uso de técnicas participativas e variadas e a implantação de um processo de avaliação como *feedback* motivador da aprendizagem.

E quais as características da aprendizagem no ensino universitário?

1. A aprendizagem universitária pressupõe, por parte do aluno, aquisição e domínio de um conjunto de conhecimentos, métodos e técnicas científicas de forma crítica. Iniciativa para buscar informações, relacioná-las, conhecer e analisar várias teorias e autores sobre determinado assunto, compará-las, discutir sua aplicação em situações reais com as possíveis consequências para a população, do ponto de vista ambiental, ecológico, social, político e econômico.

Faz parte desta aprendizagem adquirir progressiva autonomia na aquisição de conhecimentos ulteriores, desenvolvendo sua capacidade de reflexão e a valorização de uma formação continuada, que se inicia já na universidade e se prolongará por toda sua vida. Só que esta valorização não se fará com advertências apenas, mas com atividades que permitam ao aluno aprender como se faz efetivamente esta formação continuada.

2. Integrar o processo ensino-aprendizagem com a atividade de pesquisa tanto do aluno como do professor. O aluno começar a se responsabilizar por buscar as informações, aprender a localizá-las, analisá-las, relacionar as novas informações com seus conhecimentos anteriores, dando-lhes significado próprio, redigir conclusões, observar situações de campo e registrá-las, trabalhar com esses dados e procurar chegar a solução de problemas, etc.

Difícilmente o aluno incluirá a investigação em seu processo de aprendizagem se o professor também não o fizer em sua atividade de docente: isto é, se o professor não aprender ele também a atualizar seus conhecimentos através de pesquisas, de leituras, de reflexões pessoais, de participação em congressos.

Produção de artigos e trabalhos que reflitam as reflexões pessoais do professor e suas contribuições para alguns dos assuntos de sua área e permitam uma comunicação em revistas, em capítulos de livros, em trabalhos de congressos, em apostilas que permitam um debate e uma crítica de seus pares ou mesmo de seus alunos sobre eles faz parte integrante da docência preocupada com um processo de ensino-aprendizagem integrando atividade de pesquisa.

3. Toda aprendizagem para que realmente aconteça precisa ser significativa para o aprendiz, Isto é, precisa envolvê-lo como pessoa, como um todo: ideias, inteligência, sentimentos, cultura, profissão, sociedade.

Este processo exige:

- a) O processo de avaliação deverá estar integrado ao processo de aprendizagem, de tal modo que funcione como elemento motivador da aprendizagem, e não como um conjunto de provas e/ou trabalhos que apenas verifiquem se o aluno passou ou não
 - b) que se dê importância a motivar e interessar o aluno pelas novas aprendizagens com uso de estratégias apropriadas. Muitos entendem que este aspecto esteja ultrapassado e que no ensino universitário já não tenha sentido se falar e muito menos se preocupar com a motivação dos alunos, porque já são adultos e a motivação deve partir deles mesmos. Grande engano! Trabalhar com a motivação de aprendizes em qualquer idade e tempo é exigência básica para que a formação continuada possa se efetivar, inclusive conosco mesmos. Só aprendemos coisas novas quando nos apercebemos que elas tem um interesse especial para nós mesmos;
 - c) que incentive a formular perguntas e questões que de algum modo digam respeito ao aprendiz, que lhe interessem;
 - d) que permita ao aprendiz entrar em contato com situações concretas e práticas de sua profissão, e da realidade que o envolve;
 - e) que o aprendiz assuma o processo de aprendizagem como seu e possa fazer transferências do que aprendeu na universidade para outras situações profissionais.
4. Porque coloca o aprendiz mais em contato com sua realidade profissional, em geral, a aprendizagem se realiza mais facilmente e com maior compreensão e retenção quando acontece nos vários ambientes profissionais, fora de sala de aula, do que nas aulas tradicionais.
5. Teoricamente, hoje, há um consenso de que "Aprender a aprender" é o papel mais importante de qualquer Instituição Educacional. O que me parece imprescindível destacar é que "aprender a aprender" é mais do que uma técnica de como se faz. É a capacidade do aprendiz de refletir sobre sua própria experiência de aprender, identificar os procedimentos necessários para aprender, suas melhores opções, suas potencialidades e suas limitações.

Estas reflexões iniciais procuraram demonstrar que para repensarmos nossas aulas não podemos deixar de analisar e discutir o paradigma que as orientará. Com estas considerações iniciais feitas, poderemos aprofundar um pouco mais as demais questões a que nos referimos: espaço "aula", e as diferentes atividades que poderemos realizar para modificá-lo.

II - Conceito de sala de aula universitária

Tradicionalmente a sala de aula nos cursos de ensino superior tem se constituído como um espaço físico e um tempo determinado durante o qual o professor transmite seus conhecimentos e experiências aos seus alunos. Poderíamos dizer que se trata de um tempo e espaço privilegiados para uma ação do professor, cabendo ao aluno atividades como "copiar a matéria", ouvir as preleções do mestre, à vezes fazer perguntas, no mais das vezes repetir o que o mestre ensinou. É verdade que temos também as aulas práticas, ora demonstrativas quando o professor assume um papel de mostrar como é o fenômeno, ora de aplicação de conceitos aprendidos nas aulas teóricas nos laboratórios ou em estágios. Estas são mais raras.

Compreender a aula como espaço e tempo de aprendizagem por parte do aluno modifica completamente este quadro. Com efeito, sala de aula é espaço e tempo durante o qual os sujeitos de um processo de aprendizagem (professor e alunos) se encontram para juntos realizarem uma série de ações (na verdade inter-ações) como estudar, ler, discutir e debater, ouvir o professor, consultar e trabalhar na biblioteca, redigir trabalhos, participar de conferências de especialistas, entrevistá-los, fazer perguntas, solucionar dúvidas, orientar trabalhos de investigação e pesquisa, desenvolver diferentes formas de expressão e comunicação, realizar oficinas e trabalhos de campo.

Este conceito de aula universitária faz com que ela transcenda seu espaço corriqueiro de acontecer: só na universidade. Onde quer que possa haver uma aprendizagem significativa buscando atingir intencionalmente objetivos definidos aí encontramos uma "aula universitária". Assim, tão importante como a sala de aula onde se ministram aulas teóricas na universidade e os laboratórios onde se realizam as aulas práticas, são os demais locais onde, por exemplo, se realizam as atividades profissionais daquele estudante: empresas, fábricas, escolas, posto de saúde, hospital, fórum, escritórios de advocacia e de administração de empresas, casas de detenção, canteiro de obras, plantações, hortas, pomares, instituições públicas e particulares, laboratórios de informática, ambulatórios, bibliotecas, centros de informação, exploração da internet, congressos, seminários, simpósios nacionais e internacionais, etc.

Estes "novos" espaços de aula são muito mais motivadores para a aprendizagem dos alunos, muito mais instigantes para o exercício da docência porque envolvem a realidade profissional de ambos e como tal são complexos, facilitam a integração teoria e prática, são imprevisíveis, exigem inter-relação de disciplinas e especialidades, desenvolvimento de competências e habilidades profissionais, bem como atitudes de ética, política e cidadania. E por esta mesma razão são preferíveis aos espaços tradicionais de aula.

III - A aula universitária no dia-a-dia.

Apresentado o paradigma de Ensino Superior que se volta para o desenvolvimento da aprendizagem, e levantadas algumas idéias sobre como conceber hoje a "aula universitária, em seu novo espaço e tempo", parece-me

necessário avançarmos para um campo que é dos mais difíceis, e sobre o qual não dispomos de tanta literatura: como se transpõe essa teoria para a prática pedagógica na aula universitária?

Nos mais diferentes contatos que tive com professores do Ensino Superior, sempre encontrei a mesma demanda: como se colocam estes princípios na prática? Como mudar o modo, a forma de lecionar?

Penso que é importante enfrentar este desafio, e procurar responder a estas questões com exemplos práticos do uso de várias técnicas que podem nos ajudar a trabalhar visando a aprendizagem.

1. Um primeiro exemplo: como iniciar um curso apresentando **o plano de trabalho** e procurando envolver o aluno na discussão do próprio plano e motivá-lo para a aprendizagem que é necessária?

No primeiro encontro com os alunos, iniciar o contato deixando claro que o sucesso daquela disciplina vai depender de um trabalho em equipe entre professor e alunos, um trabalho de parceria e co-responsabilidade e que irá começar naquele mesmo instante, quando, o grupo classe vai procurar se conhecer melhor e se manifestar sobre quais são suas expectativas sobre a disciplina, o que já ouviram falar sobre ela, que comentários de colegas ouviram, o que pensam que vão estudar e para que serve aquela disciplina.

Quais nossos objetivos com esta atividade? Criar oportunidade para um início de integração entre os membros da turma visando formação de um grupo de trabalho e envolver os alunos com a disciplina, criarmos espaços para podermos explicar nossa disciplina e procurar que eles se interessem por ela. Vamos gastar tempo com isto, mas ganharemos depois quando nossos alunos se mostrarem motivados para aprender o que pretendemos que aprendam.

Para este primeiro encontro poderemos usar algumas técnicas como a tempestade cerebral ; as discussões em pequenos grupos; o desenho em grupo (com turmas muito numerosas) quando os pequenos grupos são convidados a colocar em uma cartolina, não usando palavras escritas, mas outras formas de comunicação (desenho) suas idéias sobre a disciplina a partir de uma questão relevante que o professor apresente para todos. Em seguida, estes desenhos são apresentados e o professor vai reunindo deles os elementos necessários para sua explicação inicial sobre sua disciplina.

Juntamente com os alunos, o professor procurará conversar sobre os objetivos da disciplina, os conteúdos que serão estudados e suas relações com outras disciplinas e com a formação profissional que se pretende, sua importância para a vida profissional, quais estratégias serão usadas, qual a bibliografia, e como será o processo de avaliação, de tal modo que ao final os alunos assumam com o professor que aquele plano de trabalho realmente é interessante para eles e se comprometam em levá-lo para frente.

A continuidade deste primeiro encontro deverá ser o cumprimento do que foi combinado no encontro seguinte e nos demais, para que os alunos não

entendam que o que se fez no encontro primeiro foi apenas uma conversa sem consequência. A confiança se conquista a partir daqui.

2. Outro exemplo: como **organizar a seqüência de uma aula que coloque o aluno e o professor trabalhando juntos durante o tempo da aula e em tempo extra classe, de forma a envolver aluno e professor?**

Um autor, Antoni Zabala em seu livro "A Prática Educativa" (1998-pp.58) nos oferece um caminho para analisarmos.

Diz o autor que uma seqüência de aula poderia ser esta:

- Apresentação pelo professor de uma situação problemática relacionada com um tema, destacando aspectos importantes e para a qual se procura uma solução científica.
- Os alunos, individual ou coletivamente, orientados pelo professor procuram possíveis respostas nos seus conhecimentos, para a situação ou apresentarão dúvidas, perguntas, questões
- Indicação de fontes de informação: orientados pelo professor, os alunos propõe fontes de informação mais apropriadas para cada questão e problema levantado: o próprio professor, uma pesquisa bibliográfica, uma experiência, uma observação, uma visita a uma situação real, uma entrevista, um trabalho de campo.
- Busca da informação: os alunos individual ou coletivamente, orientados pelo professor realizam a coleta de dados e informações das diferentes fontes indicadas e selecionadas. Selecionam, organizam e classificam o resultado desta coleta de dados.
- Resposta para a situação problemática. Juntos os alunos, socializando as informações obtidas, procuram resolver a questão debatendo-a com os colegas, com o professor, aprofundando aspectos teóricos, desenvolvendo a habilidade de aplicação das teorias às situações concretas.
- Generalização das conclusões e síntese. Com as contribuições do grupo, o professor faz uma síntese do problema, das possíveis e diversas soluções e de suas aplicações.

Evidente que este não é o único esquema de aula. Há outros muitos e este mesmo pode sofrer inúmeras adaptações. O que interessa no momento é que possamos visualizar uma seqüência de atividades pedagógicas que poderão ocorrer em aula universitária e que permitem a participação do aluno como sujeito do processo de aprendizagem, sua parceria com o professor e os colegas na aula, uma atitude de participação ativa buscando informações, dando significado a elas, comparando-as com seu mundo intelectual, o desenvolvimento de uma

habilidade de integrar teoria e prática que lhe permita encontrar solução para uma situação concreta e aprender atitudes e valores importantes a serem considerados quando de uma atuação profissional.

3. Em geral, costumamos pedir aos nossos alunos que façam **leituras em casa** para a próxima aula, e, conforme depoimentos dos próprios professores, de um modo geral também, os alunos não o fazem. Teríamos algumas estratégias que mostrassem ao aluno quão importante é a leitura individual, ou preparação para o encontro com o professor e os colegas na próxima aula?

Ao fazermos indicações de leituras para próxima aula, poderemos cuidar de que o tamanho do texto seja possível de ser lido de uma semana para outra, ou de uma aula para outra; e que o texto seja pertinente e atualizado com relação ao tema estudado; procurar que cada solicitação de leitura seja acompanhada de uma atividade diferente orientada pelo professor que possa motivar o aluno para a leitura e para a atividade que será realizada em aula com o material produzido fora de sala de aula.

Assim, posso solicitar que numa semana os alunos leiam um texto e façam dele um resumo; em outra, que leia respondendo algumas questões; numa terceira que leia levantando perguntas ou dúvidas para serem discutidas ou esclarecidas no encontro seguinte; em outra oportunidade ler identificando argumentos da teoria exposta e apresentando sua reflexão pessoal fundamentada sobre eles; outra vez ler procurando resolver um caso; e assim por diante. Deste modo, a atividade de leitura não fica apenas como "uma lição de casa" sem consequência, mas uma preparação para as atividades que serão realizadas em aula com o professor e outros colegas.

Este é um ponto importante a se pensar quando se propõe uma leitura fora de classe: que atividade será realizada com a leitura feita e o material produzido e o que se fará com os alunos que não tiverem realizado a leitura e se preparado para a aula. A resposta me parece clara: ter planejado atividades pedagógicas coletivas que dêem continuidade em aula ao estudo individual, mas que só serão realizadas pelos alunos que tiverem realizado a atividade individual como preparação para elas. Os alunos que não tiverem feito a leitura deverão fazê-lo no primeiro momento de aula, individualmente, e separadamente dos demais, preparando-se para a sequência das demais atividades. Os alunos perceberão a importância do trabalho individual para participação no coletivo, o que significa ter respeito ao outro quando de uma participação em grupo, e a própria atividade coletiva deixa de ser um "bate papo entre amigos", para se tornar uma atividade séria de construção de conhecimento e de aprendizagem.

4. **A aula expositiva** é uma das técnicas mais usadas por nós professores. Será que num paradigma que valoriza a aprendizagem essa técnica ainda tem lugar? Alguns pensam que não, que ela estaria abolida. No meu entender, não se trata disso; mas, sim de se usar a aula expositiva como uma técnica, isto é quando ela for adequada aos objetivos que temos. Isto quer dizer que ela cabe, por exemplo, no início de um assunto para motivar os

alunos a estudá-lo ou para apresentar um panorama geral do tema que será estudado posteriormente; ou como síntese de um estudo feito individual ou coletivamente, ao final dos trabalhos. Sempre usando de 20 a 30 minutos (não mais do que isso), pois é um tempo no qual conseguimos manter a atenção dos alunos, e assim mesmo com alguns recursos adicionais, como por exemplo: usar slides, vídeos, retroprojetor, apresentar casos, chamar atenção pra notícias recentes que tenham a ver com o que estamos falando, provocar o diálogo com os alunos, fazer perguntas, solicitar a participação dos alunos, por vezes convidar algum professor colega nosso da mesma Universidade para discutir o assunto com os alunos e assim por diante.

Dentro do paradigma que privilegia a aprendizagem, transmitir informações através da técnica da aula expositiva não é aconselhável, uma vez que buscar informação e trabalhar com ela é muito mais importante que ouvir as informações já organizadas, absorvê-las e depois, reproduzi-las.

5. Poderíamos considerar agora algumas **técnicas de dinâmica de grupo** que favorecessem a interação grupal e facilitasse o processo de aprendizagem, uma vez que defendemos a proposta de que nós aprendemos na relação com os outros e com o mundo.

.Atividades pedagógicas coletivas são profundamente diferentes de atividades individuais, porque envolvem um grupo de pessoas trabalhando de forma diferente que o indivíduo, com objetivos e regras diferentes, e com resultados esperados também diferentes. Mas porque tanta diferença?

Em primeiro lugar, precisamos ter clareza de que qualquer atividade pedagógica coletiva deve trazer contribuições mais significativas e mais avançadas que as produzidas pelo indivíduo isolado. Portanto, um primeiro princípio a ser observado: atividade pedagógica coletiva não se destina apenas para se justaporem colaborações individuais. Para isto não precisamos dessas atividades. O mínimo que se espera é que um grupo, além de tomar conhecimento das colaborações dos seus participantes possa discuti-las, analisá-las, e com este debate avance os estudos afim de que se transcenda aqueles já apresentados pelos participantes.

São exemplos de atividades pedagógicas coletivas: seminário, excursões, atividades em grupos as mais diversas como G.O G.V, painel integrado, grupos de oposição, pequenos grupos de formular questões ou solucionar casos, projetos.

Seminário entendido como atividade que se compõe de dois momentos: o primeiro no qual pequenos grupos realizam uma pesquisa sobre um determinado tema proposto pelo professor, orientada pelo professor e que deverá seguir todos os passos de uma pesquisa: coletar dados, organizá-los, analisá-los e produzir um trabalho conclusivo com características de um trabalho científico. Mas, observe-se bem: estes procedimentos, além de atividades individuais preparatórias, deverão ser realizados coletivamente, de tal forma que se aprenda a pesquisar e produzir conhecimento de forma

coletiva. Observe-se que esta pesquisa vai consumir de dois a três meses de trabalho fora de sala de aula, orientado pelo professor, enquanto o plano da disciplina prossegue. A monografia, ou trabalho científico produzido poderá ser socializado entre os colegas de classe de diversas maneiras: distribuindo-se cópias, fazendo-se apresentações, organizando-se pôster, etc.

Mas, para que possamos falar de seminário, há que se realizar o segundo momento: marca-se uma data, na qual se fará uma mesa redonda coordenada pelo professor, sobre um novo tema que não tenha sido diretamente pesquisado por nenhum grupo, mas para cuja discussão todos os grupos de pesquisa dispõe de dados. O professor escolhe de cada grupo de pesquisa um representante que durante a discussão do novo assunto deverá trazer contribuições a partir de seu grupo de pesquisa. Com isso, após a mesa redonda teremos um novo tema estudado e debatido a partir de dados de pesquisa, com produção coletiva.

G.O G.V. ou Grupo de Observação e Grupo de Verbalização: dois círculos concêntricos na sala, um com 5 ou 6 elementos que discutirão um tema por tempo determinado, não maior que 15 minutos e outro maior (o restante do grupo classe) que no primeiro momento observará a discussão e no segundo momento passará a debater, ficando o primeiro como observador do debate. Realizada a primeira discussão que é observada pelo grupo maior, em seguida, este grupo completa, corrige, debate o que foi trabalhado levando a frente a discussão.

É o tipo de atividade pedagógica que serve tanto para introduzir um assunto, explorando as experiências pessoais dos alunos, ou seus conhecimentos primeiros sobre um assunto, como para debater um caso ou um assunto sobre o qual já se leu anteriormente.

Na primeira hipótese, a técnica funciona como um recurso de motivação par um estudo mais aprofundado a seguir, com outras técnicas, ou uma atividade surpresa que chame a atenção par um assunto; na segunda situação, visando algum aprofundamento de um tema, sempre será precedido de uma leitura ou estudo sobre o tema.

Painel integrado é uma técnica muito interessante e incentiva a uma grande participação por parte dos alunos. É mais apropriada para aprofundamento de um assunto e desenvolvimento de habilidades, como trabalhar em grupo, e desenvolvimento de atitudes de responsabilidade e crítica.

Divide-se a turma em grupos de 5 participantes e para cada grupo dá-se um tema, uma pergunta, ou um artigo, ou um capítulo de livro diferentes que deverão ser lidos individualmente antes da aula e coletivamente trabalhados no primeiro tempo da aula. Este primeiro grupo recebe uma tarefa a realizar, todos os participantes deverão ter mãos uma cópia do relatório final e distribuírem-se um número de 1 a 5.

No segundo tempo, organizam-se novos grupos, agora agrupados pelos

números 1,2,3,4,5 e para este novo grupo, nova atividade com característica de intercâmbio de informações entre eles (uma vez que cada um provem de um grupo diferente), integração dos conhecimentos produzidos e novo resultado esperado.

Por fim, o professor que esteve presente em um dos grupos do segundo momento, fará os comentários que julgar pertinentes a partir de tudo o que ouviu.

Grupos de oposição: atividade coletiva muito interessante para ajudar os alunos a desenvolver sua habilidade de argumentação e estudo dos fundamentos das teorias. Formam-se grupos que apresentem argumentos pró e contra determinada teoria ou princípio, debatendo um tema, discutindo um caso, resolvendo uma situação, resolvendo um problema, sempre apresentando argumentos que justifiquem a decisão de cada grupo.

Mediados pelo professor, os grupos são se alternando na apresentação de argumentos que defendem ou atacam a questão proposta e os debates se farão discutindo-se a validade e importância dos argumentos apresentados.

Para desenvolver a habilidade de argumentar, às vezes, o professor pode trocar os participantes de grupo; por exemplo, solicitando que os que são a favor passem a atacar e os que atacam, passem a defender determinada posição.

Pequenos grupos para formular questões. Esta é uma técnica coletiva que colabora com o aluno para a adequada compreensão de um assunto, desenvolvendo sua capacidade de perguntar. Fazer perguntas inteligentes a partir de um texto procurando esclarecimentos, ou resolução de dúvidas, ou trazer tópicos mais atuais, ou instigantes, ou provocadores é uma qualidade importante que ajuda o aluno inclusive a aprender a ler bem um texto.

Solicita-se que cada aluno, em casa, antes da aula, prepare 2 ou 3 questões que no seu entender sejam importantes para um debate em classe. No dia da aula, divide-se a turma em pequenos grupos de 5 componentes cada um para um tempo de 10 minutos, partindo das questões levantadas em casa, elaborarem duas ou três questões relevantes para o estudo de um assunto.

Cada grupo encaminha suas perguntas a um outro grupo que terá 10 ou 15 minutos no máximo para estudar as questões e respondê-las por escrito. Nos próximos 10 minutos, um segundo grupo estuda as mesmas questões, analisa as respostas do primeiro grupo, corrige o que acha que está errado, completa, amplia as respostas e passa essas perguntas para um próximo grupo, e assim por diante até que pelo menos quatro grupos estudem as perguntas formuladas. Após esse giro, as questões voltam ao grupo que as formulou que deverá analisar as respostas recebidas, dar a sua resposta e encaminhar esta resposta para o plenário.

Trata-se de uma atividade coletiva que ajuda o aluno a trabalhar com

informações, permite o desenvolvimento de habilidades como a de perguntar, responder e analisar respostas, e permite que se construa atitude de curiosidade, de crítica, de relacionamento entre pares e de respeito por opiniões ou propostas diferentes da sua.

Projetos, sem dúvida, uma das mais completas e envolventes atividades pedagógicas coletivas. Elaboração de um projeto sempre está relacionada a uma situação profissional, a uma situação real. O grupo de alunos poderá identificar uma situação problemática, descrevê-la, levantar perguntas, fazer o diagnóstico do problema, levantar aspectos teóricos que sirvam de fundamentação para se compreender adequadamente aquela situação, indicação dos procedimentos a serem realizados, implementá-los, buscar solução para as questões, enfim resolver o projeto proposto.

Trabalhar com projetos é uma forma muito especial de se desenvolver tanto o ensino com pesquisa, como se experimentar uma situação de uma equipe de trabalho profissional que se reúne para desenvolver um projeto em uma firma ou em uma empresa ou em uma instituição. Tais situações exigem equipe, exigem o coletivo, exigem saber trabalhar em grupo, partilhar idéias e sugestões, respeitar idéias dos outros, colaborar, por vezes, desprender-se de suas próprias idéias em prol de uma proposta melhor.

6. Outro conjunto de atividades pedagógicas que hoje já começam a fazer parte do cotidiano da sala de aula universitária se refere **à mídia eletrônica** que no dizer de Moran "é prazerosa - ninguém obriga que ela ocorra; é uma relação feita através da sedução, da emoção, da exploração sensorial.... Ela fala do cotidiano, dos sentimentos, das novidades.... educa enquanto estamos entretidos. Imagem, palavra e música integram-se dentro de um contexto comunicacional de forte impacto emocional, que predispõe a aceitar mais facilmente as mensagens". (Moran, 2000, pp. 33-34)

A mídia eletrônica envolvendo o computador, a telemática, a internet, o chat, o e-mail, a lista de discussão, a teleconferência pode colaborar significativamente para tornar o processo de aprendizagem mais eficiente e mais eficaz, mais motivador e mais envolvente. Ela rompe definitivamente com o conceito de espaço "sala de aula" na universidade para afirmar sua existência desde que haja professor e aluno estudando, pesquisando, trocando informações, em qualquer tempo, tendo entre eles apenas um computador.

Os recursos eletrônicos facilitam a pesquisa, a construção do conhecimento em conjunto ou em equipe, a intercomunicação entre alunos e entre estes e seus professores. Apresentam um novo modo de se fazer projetos, de simular situações reais, de discutir possíveis resultados ou produtos esperados, de analisar diversas alternativas de solução. Facilitam grandemente o contato com especialistas através de e-mails ou teleconferências.

Embora saibamos que estas metodologias estão mais voltadas para encaminhar problemas de educação à distância, no entanto, elas podem auxiliar também em nossas aulas presenciais tornando-as ainda mais

dinâmicas e interessantes.

A teleconferência nos coloca a possibilidade de entrar em contato com algum professor ou especialista que se encontra em local fisicamente longínquo, mas que poderá dialogar conosco sobre determinado assunto. Realização de estudos sobre o tema, bem como informações sobre o conferencista e suas posições científicas antes da conferência ajudarão a compreender melhor as informações, fazer perguntas mais adequadas e proveitosas, e aproveitar mais do contato com o especialista. Uma teleconferência sempre precisará ser seguida de outras atividades que a aprofundem.

O chat ou bate-papo on - line funciona como uma técnica do brainstorming. É um momento em que todos os participantes estão no ar, ligados, e são convidados a expressar suas idéias e associações de forma livre. Esta técnica permite conhecer as manifestações espontâneas dos participantes sobre determinado tema, aquecendo um posterior estudo e aprofundamento desse assunto.

Listas de discussão. Esta técnica cria a possibilidade de grupos de pessoas poderem se manifestar sobre um tema que vem sendo estudado pelos grupos. Seu objetivo é fazer uma discussão que avance os conhecimentos e experiências para além da somatória de opiniões do grupo. Esta lista pode ficar no ar por uma ou duas semanas, até que se entenda que as contribuições já se esgotaram. Durante esse tempo, o debate entre todos os membros dessa lista é contínuo, em qualquer tempo e "hora".

Correio eletrônico. Pensando no processo de aprendizagem e na interação professor -aluno e aluno-aluno, o correio eletrônico se apresenta como um recurso muito forte para favorecer a multiplicação desses encontros entre uma aula e outra, para sustentar a continuidade do processo de aprendizagem e se realizar um atendimento e orientação que se façam necessários antes da próxima aula. Da mesma forma, o professor pode achar conveniente comunicar-se com um ou todos os alunos antes da aula com informações novas. Este recurso é fundamental para o processo de aprendizagem porque incentiva a inter-aprendizagem entre os alunos, a troca de materiais e a produção de textos em conjunto.

Internet. Com a Internet dispomos de um recurso dinâmico, atraente e atualizadíssimo, de fácil acesso que possibilita a aquisição de um número ilimitado de informações e dá oportunidade de contatar várias bibliotecas de universidades. Aprende-se a criticar as informações acessadas, escolher o melhor, organizar informações, e fontes, produzir textos pessoais e trabalhos monográficos. Mas, para que isto aconteça é fundamental a orientação do professor.

7. Por último, não poderíamos deixar de comentar as possibilidades de dinamizar nossas aulas, lançando mão do uso de **situações reais de atuação profissional como condições extremamente favoráveis à aprendizagem**

dos alunos.

Queremos chamar a atenção para as possibilidades de aprender em enfermarias, em postos de saúde, nos ambulatórios, nos hospitais, em consultórios, nas indústrias, nas fábricas, nas empresas, em escritórios de administração, contabilidade ou advocacia, nos fóruns, nos escritórios modelos, nas escolas, nas obras, nos projetos assistenciais, nos partidos, nos sindicatos, nas secretarias de governo, e em outras situações semelhantes a estas.

Em contato com a realidade profissional, os alunos sentem-se profundamente interessados em estudar e resolver problemas, em pesquisar e buscar saídas para as questões que se põem em seu trabalho. Sentem-se adultos, responsáveis, curiosos, satisfeitos com os resultados obtidos. Quase arriscaria dizer que, em contato com a realidade, os alunos aprendem por eles mesmos; mais do que em outras circunstâncias talvez, se comportam como sujeitos de suas aprendizagens.

Termos coragem de usar estes espaços para dinamizar nossos cursos, motivar os alunos a se dedicarem a seus estudos na busca de uma profissão competente e co-responsável pela sociedade, atualizarmos os currículos, e integrarmos universidade e sociedade é a ousadia que ainda nos falta para efetivamente repensarmos nossas aulas dentro de um novo paradigma.

8. Não poderíamos encerrar estas reflexões sobre as atividades pedagógicas em sala de aula universitária sem nos referirmos a uma outra atividade pedagógica que é fundamental desenvolvermos em nossa docência: chama-se **avaliação**.

Com efeito, não entendemos a avaliação como uma atividade que tem por finalidade apenas medir e controlar os resultados de um processo de aprendizagem, verificar o que foi aprendido e dar um julgamento sobre os resultados.

Avaliação para nós é em primeiro lugar a capacidade de se refletir sobre o processo de aprendizagem, buscando informações (feedback) que ajudem os alunos a perceber o que estão aprendendo, o que está faltando, o que merece ser corrigido, o que é importante ser ampliado ou completado, como os aprendizes poderão fazer melhor isto ou aquilo, e principalmente como motivá-los para desenvolverem seu processo de aprendizagem.

A avaliação pode ser considerada como a grande atividade pedagógica desde que entendida como explicamos acima, pois ela acompanha todas as demais atividades, incentiva o aluno a progredir e realizar cada vez melhor as atividades subseqüentes.

No livro "Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica", há um capítulo escrito por mim, no qual destaco alguns pontos sobre o processo de avaliação que me parecem oportuno serem aqui retomados, uma vez que eles demonstram como a avaliação pode modificar nossas aulas universitárias.

- a) O processo de avaliação deverá estar integrado ao processo de aprendizagem, de tal modo que funcione como elemento motivador da aprendizagem, e não como um conjunto de provas e/ou trabalhos que apenas verifiquem se o aluno passou ou não.
- b) Uma característica básica da avaliação é seu caráter de feedback ou de retro-alimentação, que traga ao aprendiz informações necessárias, oportunas e no momento em que ele precisa para que desenvolva sua aprendizagem.
- c) Tanto no uso de técnicas presenciais como no uso de tecnologia à distância, encontram-se embutidas informações que permitem ao professor e aos alunos se avaliarem com relação aos objetivos pretendidos. Basta explorá-las.
- d) Os vários participantes do processo de aprendizagem precisam de feedback: o aluno, o professor, os colegas ou grupo de alunos, e o programa que está sendo desenvolvido. Todos estão implicados na aprendizagem e na aula universitária. Todos precisam saber se estão colaborando para a consecução dos objetivos acordados.
- e) Tem sentido desenvolver-se a auto-avaliação, quando o próprio aluno aprende a diagnosticar o que aprendeu, quais são suas dificuldades no processo, e quais são suas capacidades que lhe facilitam aprender. Estas percepções o ajudarão por toda a vida.
- f) A aula universitária, então, passa a ser também um espaço de avaliação: um espaço para o diagnóstico da aprendizagem, bem como de diálogo, discussões e sugestões para o seu desenvolvimento.

Encerrando estas reflexões sobre o repensar a docência universitária focalizada na transformação da aula no Ensino Superior, pretendo retomar o ponto inicial de nosso diálogo: por detrás do modo como geralmente acontecem as aulas na Universidade há um paradigma de ensino, muito consolidado e estruturado por muitas décadas e que sustentam a docência universitária como ela aparece, e que precisa ser substituído por um novo paradigma que permita e dê fundamentação para as inovações que queremos fazer em nossas aulas.

Só assim poderemos falar de mudar, de dinamizar as aulas, de tornarmos estas "aulas vivas", de tornarmos as aulas um espaço privilegiado de aprendizagem, de formação de profissionais competentes e cidadãos.

Só assim obteremos resposta para uma questão que nos persegue já há algum tempo a nós professores: qual o novo papel dos professores universitários nestes tempos, junto aos jovens alunos que procuram a universidade?

RECOMENDAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS.

A complementação deste texto e das idéias que ele apresenta poderá ser feita com algumas leituras que recomendo vivamente àqueles que se interessaram por estes assuntos:

1. Zabala, Antoni - A Prática Educativa - ArtMed, Porto Alegre, 1998
2. Perrenoud, Philippe - Novas Competências para Ensinar - Art Méd, Porto Alegre, 2000
3. Hernández, Fernando - Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de trabalho - ArtMed, Porto Alegre, 2000
4. Moran, J.M., Masetto, M.T. e Behrens, M.^a - Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica - Papirus, Campinas/SP, 2000
5. Masetto, M. - "Aulas Vivas" - M.G. Ed. - São Paulo, 1992
6. Masetto, M.T e Abreu, M.C._ O professor Universitário em Aula - M.G. Ed. S.P. 11^a.ed. 1999
7. Valente, J. A (Org.)- O Computador na Sociedade do Conhecimento - Unicamp/Nied-Campinas/SP - 1999
8. Castanho, Maria Eugênia (Org.) - Pedagogia Universitária -A Aula em Foco - Papirus, Campinas/SP - 2000
9. Castanho, Maria Eugênia e Castanho, Sérgio - O Que Há de Novo na Educação Superior - Papirus, Campinas/SP -2000
10. Benedito, Vicenç et alii - La Formació Universitària a debate - Universitat de Barcelona - Barcelona - 1995
11. Meirieu, Philippe - Aprender...sim, mas como? - ArtMed-Porto Alegre -1998
12. Perrenoud, Philippe - Avaliação - ArtMed.-Porto Alegre - 1999